



Lisbon School  
of Economics  
& Management  
Universidade de Lisboa

**MESTRADO**  
**CIÊNCIAS EMPRESARIAIS**

**TRABALHO FINAL DE MESTRADO**

**DISSERTAÇÃO**

**A TENDÊNCIA DA DESGLOBALIZAÇÃO  
E O SEU IMPACTO: O CASO PORTUGUÊS**

**ANTÓNIO RAFAEL CONSTANTINO BRITO**

**OUTUBRO - 2021**



Lisbon School  
of Economics  
& Management  
Universidade de Lisboa

**MESTRADO**  
**CIÊNCIAS EMPRESARIAIS**

**TRABALHO FINAL DE MESTRADO**  
**DISSERTAÇÃO**

**A TENDÊNCIA DA DESGLOBALIZAÇÃO  
E O SEU IMPACTO: O CASO PORTUGUÊS**

ANTÓNIO RAFAEL CONSTANTINO BRITO

**ORIENTAÇÃO:**  
PROFESSOR DOUTOR PEDRO PICALUGA NEVADO

2021

## **AGRADECIMENTOS**

Concluída mais uma etapa na nossa vida é essencial fazer uma retrospectiva de um acontecimento tão importante quanto o mestrado. É agora tempo de agradecer aos que estiveram presentes neste momento tão pessoal.

Em primeiro lugar, agradeço ao Professor Doutor Pedro Picaluga Nevado pela sua orientação e transmissão de conhecimentos, ao longo desta etapa, dando conselhos imprescindíveis para terminar a tese.

Um agradecimento muito especial à minha família, em especial à minha mãe e irmã, pelo apoio e motivação que me deram nos momentos mais difíceis.

A todos os meus amigos, que foram imprescindíveis e estiveram presentes quando precisava.

Agradeço também aos meus colegas da Food4Kings, que me incentivaram neste percurso.

A todos um muito obrigado.

## RESUMO

O presente trabalho de investigação tem como objetivo, verificar a tendência existente da desglobalização e analisar os seus efeitos em Portugal.

Procura-se examinar o papel da globalização, aferindo a sua origem, o modo como atua e os novos factos emergentes e caracterizadores da época atual.

Tem se assistido a algumas constatações que indicam um abrandamento deste fenómeno, designando-se como desglobalização, comportando um processo contrário ao fenómeno anterior.

A metodologia utilizada consiste numa abordagem qualitativa, fundamentada através de um estudo de caso e de fontes secundárias de análise documental.

Com ela, pretende-se analisar de que forma esta nova realidade influencia um determinado país, neste caso Portugal. Para a sua caracterização foram abordados os enquadramentos socioeconómicos, as vantagens competitivas e as suas principais fileiras industriais.

Este estudo sugere que Portugal, poderá beneficiar desta mudança de paradigmas, visto que, possui uma economia aberta ao exterior e é fortemente exportadora, permitindo, deste modo, atrair investimento direto estrangeiro.

**Palavras-chave:** Globalização, Desglobalização, Cadeia de Abastecimento. Investimento Direto Estrangeiro, Portugal.

### ABSTRACT

This research work to check the existing trend of de-globalization and analyze its effects in Portugal.

It seeks to examine the role of globalization, gauging its origin, the way it acts and the new facts emerging and characterizing the current era.

There have been some findings that indicate a slowdown in this phenomenon, which is called de-globalization, a process contrary to the previous phenomenon.

The methodology used consists of a qualitative approach, based on a case study and secondary sources of documentary analysis.

The purpose of this study is to analyze how this new reality influences a particular country, in this case Portugal, and to characterize it, the socio-economic framework, the competitive advantages and its main industrial sectors were addressed.

This study suggests that Portugal may benefit from this paradigm shift, since it has an economy open to the exterior and is a strong exporter, which allows attracting foreign direct investment.

**Keywords:** Globalization, De-globalization, Supply Chain. Foreign Direct Investment, Portugal.

### **ABREVIATURAS, SIGLAS e ACRÓNIMOS**

CEE - Comunidade Económica Europeia  
CPLP - Comunidade dos Países de Língua Portuguesa  
EUA - Estados Unidos da América  
IA - Inteligência Artificial  
IDE – Investimento Direto Estrangeiro  
I&D – Investigação e Desenvolvimento  
IoT - *Internet of Thing*  
FMI - Fundo Monetário Internacional  
G7 - Grupo dos 7  
G20 - Grupo dos 20  
I&D - Investigação e Desenvolvimento  
NATO - North Atlantic Treaty Organization  
OMC - Organização Mundial do Comércio  
PIB – Produto Interno Bruto  
PME – Pequena e Médias Empresas  
TIC - Tecnologias da informação e comunicação  
UE – União Europeia  
URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas  
USD – United States Dollar  
VAB - Valor Acrescentado Bruto

## ÍNDICE

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	<b>i</b>
<b>RESUMO</b> .....	<b>ii</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>iii</b>
<b>ABREVIATURAS, SIGLAS e ACRÓNIMOS</b> .....	<b>iv</b>
<b>ÍNDICE</b> .....	<b>v</b>
<b>ÍNDICE de FIGURAS e TABELAS</b> .....	<b>vi</b>
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	<b>3</b>
2.1. <i>Globalização</i> .....	3
2.2. <i>Desglobalização</i> .....	11
2.3. <i>Síntese</i> .....	20
<b>3. QUESTÃO DE INVESTIGAÇÃO</b> .....	<b>20</b>
<b>4. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO</b> .....	<b>21</b>
<b>5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DO CASO</b> .....	<b>23</b>
5.1. <i>Caracterização de Portugal</i> .....	23
5.2. <i>Enquadramento Socioeconómico</i> .....	23
5.3. <i>Vantagens Competitivas</i> .....	28
5.4. <i>Estrutura industrial Portuguesa</i> .....	30
5.4.1. <i>Sectores industriais em Portugal</i> .....	30
<b>6. DISCUSSÃO</b> .....	<b>34</b>
<b>7. CONCLUSÃO</b> .....	<b>34</b>
7.1. <i>Conclusões finais da investigação</i> .....	36
7.2. <i>Limitações do Estudo</i> .....	37
7.3. <i>Recomendações para investigação futura</i> .....	37
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>38</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>48</b>
<i>Anexo I – Tabela da Estrutura do Índice de Globalização</i> .....	48

**ÍNDICE de FIGURAS e TABELAS***Índice de Figuras*

FIGURA 1 - Índice de Medidas de Integração Global.....	14
FIGURA 2 - Gráfico IDE Net Inflows em USD.....	17
FIGURA 3 - Gráfico IDE Net Outflows em USD.....	17
FIGURA 4 - KOF <i>Globalisation Index</i> .....	19
FIGURA 5 - Indicadores Macroeconómicos.....	26
FIGURA 6 - KOF <i>Globalisation Index</i> Portugal.....	27

*Índice de Tabelas*

TABELA I - PRINCIPAIS VERTENTES DO NOVO NORMAL.....	12
TABELA II - IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO.....	25
TABELA III – EVOLUÇÃO DO PIB EM PORTUGAL.....	25
TABELA IV - ESTRUTURA DO ÍNDICE DE GLOBALIZAÇÃO KOF.....	48

## 1. INTRODUÇÃO

A base orientadora de uma sociedade, comporta na sua organização um modelo que a caracteriza e a molda, ajustando-se aos estímulos existentes. Desde o final do século XX, o fenómeno da globalização tem ocupado as diretrizes gerais, tendo como índole a abertura e a liberalização de mercados. Contudo, o contexto vivido atualmente, permite observar a existência de um progressivo afastamento e desagrado com a globalização, desde as políticas de Donald Trump no EUA, aos problemas da imigração ilegal na Europa, à saída do Reino Unido da União Europeia - Brexit, ao crescimento de movimentos populistas nos sistemas políticos, e agora, a crise sanitária causada pelo Covid 19.

A mudança numa sociedade faz parte de um processo regular e necessário. Nela tanto pode existir progresso como retrocesso. De momento ocorre uma modificação de paradigmas: a desglobalização, que apresenta uma orientação diferente ao processo de globalização, visto ter uma finalidade mais isolacionista.

O tema escolhido para a dissertação do mestrado é baseado na perceção do movimento contrário à globalização: a desglobalização. A existência desta tendência irá ser sustentada por um estudo de caso, que clarifica os novos desafios perante esta nova realidade, investigando o seu impacto em Portugal.

A desglobalização é uma matéria recente e, como tal, existe pouca literatura a respeito desta temática. O objetivo principal desta dissertação é contribuir para a área académica com o tema em questão, permitindo promover e divulgar o fenómeno, reunindo uma fonte de documentação que permita sustentar futuros trabalhos académicos.

O conhecimento é uma arma que nos permite estar conscientes do que nos rodeia. Com esta premissa, a consciencialização de possíveis repercussões deste fenómeno será útil no contexto empresarial, o que permite desenvolver um planeamento mais robusto de estratégias empresariais, contendo informação relevante para ultrapassar obstáculos existentes.

A cunho pessoal, este tema invoca curiosidade por ser contemporâneo e por poder afetar a nossa vivência. Atualmente, somos noticiados com diversa informação, por isso, importa estarmos bem esclarecido. O mundo está sempre em constante mudança e é uma mais valia estar a par das suas transformações.

A estrutura da presente dissertação está organizada em sete capítulos: a introdução; a revisão de literatura, cuja finalidade é caracterizar a globalização, algumas constatações inerentes a ela, e a desglobalização; a questão de investigação, onde é formulado o problema da investigação; a metodologia de investigação, que consiste numa abordagem qualitativa, a partir de um estudo de caso com suporte em fontes secundárias de análise documental; a apresentação e análise do caso, que evidenciará as influências da desglobalização em Portugal; a discussão, sendo apresentado os resultados detetados na investigação e, por fim a conclusão.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

O presente capítulo aborda a revisão da literatura, onde são expostos os principais conceitos utilizados nesta dissertação. Assim, apresenta-se uma breve caracterização da globalização e das constatações existentes de forma a introduzir a temática fulcral: a desglobalização.

### 2.1. Globalização

A definição de Globalização, em termos gerais, é um fenómeno multifacetado com dimensões económicas, sociais, políticas, culturais, religiosas e jurídicas interligadas (Santos, 2002). Resulta duma integração próxima entre vários povos e países, em consequência do desenvolvimento dos transportes, reduzindo os custos e o tempo de deslocação; da comunicação, revolucionada pelas tecnologias de informação e comunicação (TIC); como também do aumento de fluxos à circulação transfronteiriça de mercadorias, serviços, capitais, conhecimentos e pessoas (Stiglitz, 2004).

Apesar de haver alguma controvérsia sobre a origem do conceito, atribui-se a sua utilização ao sociólogo McLuhan, nos anos 60 do século XX, que ao referir-se às telecomunicações e ao que estas trariam para todos nós, concluiu que o mundo se tornaria progressivamente numa aldeia global (Finuras, 2018).

Trata-se, portanto, de algo mais que a internacionalização, que de resto já existia enquanto fenómeno mult-doméstico, mas que promove uma interdependência cada vez maior entre as economias nacionais, pois passam a estar instantaneamente ligados (Finuras, 2018).

Existe assim, uma tendência geral para a homogeneização. As diferenças no modo de fazer negócios diminuem, e a semelhança de preferências leva a que tudo fique cada vez mais parecido (Levitt, 1983).

O surgimento de mercados globais, deu origem a uma nova realidade comercial em que o objetivo principal é direcionar os produtos de consumo padronizados, para uma escala colossal. As organizações que tenham estas bases, têm vantagem sobre as restantes que se baseiam em pressupostos antigos (Levitt, 1983).

Como exemplos da expansão de marcas, temos, a Coca-Cola, Pepsi, McDonald's e Levis, que ao entrarem nos mercados locais, adaptam os seus produtos aos gostos locais (Levitt, 1983).

Por conseguinte, as cadeias de abastecimento sofrem alterações. O autor Antràs (2020), destaca alguns pontos essenciais como:

i. a revolução da tecnologia da informação e comunicação (TIC), que permitiu que as empresas em países industrializados, realocassem certas partes dos seus processos de produção para locais distantes, enquanto mantêm um fluxo fluído de comunicação entre as diferentes unidades de produção em cadeias globais de valor, facilitando a implementação de uma cadeia de abastecimento eficiente com boas práticas de gestão;

ii. a redução significativa de custos no comércio, na qual, foi influenciado pela diminuição significativa na taxa de redução das barreiras comerciais (por exemplo, tarifas e outras barreiras não tarifárias), e pelo aumento de eficiência da entrega de mercadorias, devido ao desenvolvimento dos transportes;

iii. os desenvolvimentos políticos no mundo, tais como, a queda do comunismo na europa oriental, e a adoção de práticas de economia de mercado no leste e sudeste asiático, causaram um aumento notável na parcela da população mundial ativa no processo de globalização.

Para Ampuja (2015), a globalização é a base sustentadora do triunfo global do capitalismo, argumentando que, este conceito é dominante nas ciências sociais, ou seja, em questões relacionadas com o Homem em sociedade.

A globalização é influenciada pelas ideologias ocidentais, concretamente o individualismo e a singularidade do individuo. Desse modo, associam-se ao neoliberalismo, onde o “Estado”, tem um poder diminuto em relação ao mercado, estimulando a competição económica à escala global (Apple, 2004; Cox, 1996; Zajda, 2015a & Zajda 2015b).

Para Daun (2015), estamos diante de uma nova meta-ideologia hegemónica global, que para além dos elementos das ideologias ocidentais, consiste em ideias derivadas do ser humano, de direitos do cidadão e de mercado.

Pretel e Camprubí (2018), referem que a visão global não implica olhar para todo

o planeta como uma entidade histórica homogénea, contudo, deve reproduzir as histórias locais e regionais, com ênfase nas ligações globais. A história mundial tem se concentrado no estudo dos papéis europeus e norte-americanos, onde existe maior dominância de académicos que narram a história global, negligenciando as histórias nacionais das vastas partes do mundo.

A globalização não é um processo recente, existindo várias etapas de desenvolvimento até a atual. De acordo com Pereira (2007), a globalização decorreu em três fases temporais:

i. de 1450 a 1850, marcada pela exploração dos mares e de continentes, iniciada pelos descobrimentos portugueses. Este processo permitiu o alcance da hegemonia da Europa Ocidental e Atlântica sobre os restantes povos. Portugal, Espanha, Holanda e o Reino Unido, foram os protagonistas, criando as condições para o desenvolvimento das relações económicas modernas, através do estabelecimento de canais de comunicação onde as trocas de mercadorias e de capitais são o ponto de transação (Mendonça, 2005).

ii. de 1850 a 1914, na qual, é caracterizada pelo expansionismo industrial-imperialista e colonialista, (Joaquim, 2014) sobretudo pela hegemonia britânica. Esta influenciou e impulsionou a economia global, com a adoção de medidas de liberalização, ao invés de uma política comercial protecionista, permitindo o levantamento unilateral de todas as restrições comerciais e tarifárias. Teve também impacto positivo no comércio internacional, na difusão das tecnologias e no crescimento económico em geral. Outra particularidade é o sistema económico assente na produção industrial, que se desenvolveu em larga escala, aumentando o comércio internacional, em especial, dos países europeus para as suas colónias. Com o período das Guerras Mundiais e da Grande Depressão, a segunda vaga acaba por submergir (Mendonça, 2005).

iii. e a última fase, que corresponde ao momento atual, desde 1960. Tem como principal característica, a adoção do dólar como sistema monetário, permitindo a eliminação dos controlos de fluxos de capital; a fragmentação da URSS e do sistema socialista do Leste Europeu. É marcado pela queda do Muro de Berlim, em 1989, assinalando o fim da bipolarização das relações internacionais; e pela China comunista que, desde os anos 70, tem implementado uma política de reformas que visa a sua modernização (Joaquim, 2014).

Em conclusão, desde o fim da guerra fria, verifica-se uma aceleração do processo de globalização, que realça três aspetos que lhe estão intimamente interligados (Pereira, 2007):

- i. a maior abertura de mercados ao comércio e ao investimento externo;
- ii. a crescente liberalização dos mercados financeiros;
- iii. e a revolução das tecnologias de informação e de comunicação (TIC).

Da última etapa do processo de globalização, destacam-se ainda cinco novos factos emergentes e caracterizadores da época atual:

- i. os novos atores, tais como, *as instituições internacionais*, o FMI, o OMC e o Banco Mundial, que têm um papel marcante na ordem económica internacional, assegurando a difusão dos princípios da economia de mercado, garantindo a estabilidade das taxas de câmbio e a remoção dos obstáculos ao comércio mundial (Soares, 2009); *as empresas transnacionais*, que com o desaparecimento das barreiras físicas obtiveram uma oportunidade de se expandirem numa larga escala mundial. Independentemente do mercado interno para regulamentar as suas ações, tornou-se-lhes mais fácil procurar locais que fossem mais lucrativos para aplicar o capital dos seus investimentos, principalmente junto dos países em desenvolvimento, possuidores de mão de obra mais barata (Jarvis, 1998); *os blocos regionais* existentes desde o final da Segunda Guerra Mundial. Influenciado pela política e ideologias contextuais, são considerados dois períodos distintos do regionalismo, o da Guerra Fria e o do pós-Guerra Fria. Enquanto o primeiro é marcado pela divisão do globo em dois blocos – Estados Unidos da América e a URSS, o segundo é influenciado pela integração de regiões fronteiriças, nomeadamente as que fazem parte da União Europeia, Mercosul, Associação dos Países do Sudeste Asiático, Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral, União Africana e a NAFTA (Barbieri, 2019).
- ii. novos mercados: ao longo das últimas décadas, os serviços têm ganho um lugar de destaque no sector económico. A sua relevância tem aumentado significativamente, o que fez com que se verificasse uma reorientação para os serviços, traduzindo-se em maiores pesos deste sector nas economias e consequentemente no

comércio internacional (Ribeiro, 2018). Os mercados financeiros foram desregulamentados e estão interligados mundialmente, funcionando permanentemente (Finuras, 2018).

iii. novas regras e normas: difundiram-se globalmente políticas económicas de mercado e a tendência de adoção do modelo democrático liberal. Posto isso, são celebrados acordos multilaterais sobre o comércio, serviços, propriedade intelectual e comunicações e convenções sobre questões ligadas ao ambiente global, como a biodiversidade, a camada de ozono, desertificação, entre outros (Finuras, 2018).

iv. novos instrumentos de comunicação e transmissão de dados e informação: O lançamento do *World Wide Web*, em 1990, revolucionou o mundo. Atualmente, a comunicação eletrónica liga, rapidamente de forma simultânea, milhões de pessoas, através dos telemóveis, do correio eletrónico e das redes sociais. Os transportes, hoje em dia, são mais rápidos, mais seguros e mais baratos (Finuras, 2018).

v. novos paradigmas de gestão: destaca-se o surgimento de novos centros de poder e a atribuição de responsabilidades de decisão a unidades autónomas e o surgimento de equipas virtuais, o que é bem ilustrativo dos processos de transnacionalização das empresas e que corresponde à sua necessidade de atuação multidoméstica. E à crescente complexidade do seu meio envolvente com múltiplas consequências como: a complexidade e incerteza crescentes, as formas diferentes na interação com os clientes à distância e no espaço virtual, clientes mais informados e mais exigentes, ciclo de vida dos produtos mais curto, processos globais e efeito dominó, necessidade de informação crescente, foco nos serviços, na inovação e na orientação para o cliente, procura de qualidade superior e de respostas mais rápidas, necessidade de empresas estruturalmente mais flexíveis, necessidade de fidelização de mercados com base na satisfação dos clientes (Finuras, 2018).

A era de ouro da globalização foi registada entre 1990 e 2010. Com o custo do transporte de mercadorias em navios e aviões mais baixo, e os preços das ligações telefónicas mais baratas, o comércio internacional registou um elevado crescimento. A atividade internacional foi estimulada, as empresas instalaram-se nos vários mercados e

os consumidores tinham no seu domínio uma panóplia de produtos à sua de escolha (The Economist, 2019).

Perante a breve descrição sobre as características da globalização, é notória a influência que é provocada na sociedade, criando padrões que continuam atuais. No entanto, tem evidenciado algumas problemáticas que manifestam um progressivo afastamento e desagrado com a globalização. Exemplos desse descontentamento são os abaixo descritos:

*Imigração na Europa:* Segundo a Comissão Europeia (2009), um dos maiores problemas no contexto migratório europeu é a imigração ilegal. Em 2009, residiam ilegalmente na União Europeia cerca de 4,5 milhões de pessoas. Provenientes de rotas que rodeiam a Europa, como a *rota do Mediterrâneo Oriental*, que se refere às chegadas irregulares à Grécia, ao Chipre e à Bulgária; a *rota do Mediterrâneo Ocidental*, que se refere às chegadas irregulares a Espanha; a *rota da África Ocidental*, que se refere às chegadas às ilhas Canárias no Oceano Atlântico; a *rota do Mediterrâneo Central*, que se refere às chegadas irregulares por via marítima a Itália e a Malta (Conselho Europeu & Conselho da União Europeia, 2020).

O controlo desta situação exige um grande esforço por parte dos governos, uma vez que, as entradas ilegais nos países, provêm de vários pontos do mundo através de redes de tráfico humano, que por sua vez fazem o transporte em condições deploráveis (Silva, 2012).

No contexto das migrações laborais, existem dois cenários: o primeiro cenário está relacionado com a necessidade de *Know-How* em países onde existe pouca oferta interna. Para Christina Boswell (2005), este fator tem sido preponderante para o crescimento económico dos países mais desenvolvidos, adaptando a legislação laboral, de forma a captar mais emigrantes dotados das especificações requeridas.

O segundo cenário, é o mais comum, pois é caracterizado por uma emigração onde as pessoas têm poucas qualificações, realizando os trabalhos da “base da pirâmide”, uma vez que, a população nacional não quer executar estas funções.

Durante vários anos, esta situação foi positiva para as economias, pois existia oferta laboral. Porém, nos dias de hoje, as taxas de desemprego têm tido uma tendência de subida, reduzindo a empregabilidade da população nacional e emigrante.

A mudança acima referida acentua os sentimentos anti-imigração, onde a causa do

desemprego são os imigrantes associada a uma superioridade vinda da tradição imperialista, expansionista e colonialista europeia, resultando numa mentalidade Eurocentrismo designada de “racismo institucional” (Silva, 2012).

*Brexit:* O *Brexit*, termo utilizado para referir a saída do Reino Unido da União Europeia, influenciou a estabilidade desta Comunidade como também da globalização. Desde a sua adesão em 1973, teve sempre em atenção os pactos celebrados dentro do Grupo, integrando-se parcialmente no conjunto das medidas adotadas. É exemplo disso, a não adoção da moeda única europeia, suportando-se na sua moeda (Libra esterlina), e a não integração no Acordo de Schengen (Bezerra, 2020). Este acordo destaca a não existência de fronteiras internas no Espaço Europeu e no qual os cidadãos europeus e muitos nacionais de países que não pertencem à União Europeia podem circular livremente, em turismo ou por motivos de trabalho, sem serem sujeitos a controlos fronteiriços (União Europeia, 2020).

Relacionando esta temática com a imigração, e de acordo com o *British Election Study*, é importante ter em conta que no referendo sobre a permanência do Reino Unido na União Europeia, a larga maioria que votou na saída do Reino Unido, fê-lo com o intuito de reduzir a imigração, estando este aspeto fortemente correlacionado com a sua decisão de retirada (Colantone & Stanig, 2016).

*Populismo:* Para Mudde (2016), o populismo é uma ideologia que separa a sociedade em dois grupos homogêneos (sem divisões internas) e antagônicos: "a população pura" vs. "elite corrupta" (O'Sullivan, 2020).

É utilizado como barómetro a vontade/soberania popular, rejeitando o pluralismo e os direitos das minorias, como também as posições políticas de Esquerda e Direita (Mudde, 2016).

Apesar da origem do movimento populista, não ser um fenómeno novo, este acarreta relevância no número de sistemas políticos que assume na Europa e nos Estados Unidos.

*Populismo na Europa:* O populismo na Europa tem tido uma tendência de crescimento. Em resultado da crise económico-financeira europeia, no decurso das medidas de austeridade, presenciou-se uma diminuição de investimentos e por consequente, o aumento do desemprego. Na tentativa de recuperação e anexação militar

da Crimeia pela Rússia, promoveu-se um confronto diplomático entre a Nato (nomeadamente a União Europeia e Estados Unidos) com a Rússia, no qual desencadeou uma guerra civil nas províncias orientais de Kiev. O aumento das vagas dos emigrantes, motivada pelas guerras existentes, sobretudo no Médio Oriente e na África Subsariana, tem obrigado estes refugiados a procurarem abrigo na Europa. Por conseguinte, causa problemas de acolhimento nos países de chegada, por não terem estruturas suficientes para albergar os refugiados, estando consequentemente também ligado as dificuldades de convivência cultural, religiosa ou histórica (Machete, 2018).

*Populismo nos Estados Unidos da América:* Para Kazin (2016) o populismo norte-americano é observável em dois tipos:

i. o primeiro tipo, que dirige as suas críticas às elites económicas das grandes empresas, em oposição aos “cidadãos comuns”, que contribuem para o desenvolvimento da nação.

ii. o segundo tipo, que é uma referência para o ex-presidente Donald Trump, que considera igualmente as elites económicas das grandes empresas como prejudiciais aos interesses do cidadão comum. No entanto, existe uma conceção mais restritiva dos cidadãos, caracterizada por notas de natureza étnica e classista. Aqui é utilizado o lema de “*America First*”, pelos valores nacionalistas/patrióticos existentes, priorizando os interesses económicos dos cidadãos brancos, pelos cidadãos negros, como os emigrantes de etnia africana, chinesa, japonesa, árabe entre outras.

Deste modo, o mandato de Donald Trump, foi dotado por um sistema anti-imigração, com limitação do acesso de cidadãos de vários países muçulmanos, criticando firmemente as políticas de promoção de instituições e regimes democráticos (Vinha, 2017).

*Covid 19:* O ano de 2020 foi marcado por uma pandemia que afetou todas as pessoas do globo, alterando-lhes as rotinas e obrigando-as a uma nova fase de adaptabilidade.

Segundo as literaturas empíricas existentes sobre esta temática, a estratégia mais adequada e adotada para combater as repercussões duma pandemia é o isolamento social, pois permite minimizar os contágios, cria condições para a retoma da atividade económica, e consequentemente, a uma recuperação mais rápida.

O Estado tem um importante papel em situações de desequilíbrio dos mercados, atuando com intuito de organizar a economia.

A crise global atual, tem canalizado os seus recursos na área da saúde, nas empresas e nos empregos, garantindo a sua sobrevivência, a fim de permitir uma retoma mais facilitada assim que terminar a crise sanitária.

Existe uma dessincronização entre o mundo económico, financeiro e as tomadas de decisões do Estado perante uma crise mundial, pois os mercados ficam estáticos, mas os compromissos financeiros têm de ser cumpridos, mesmo com a diminuição das vendas. Apesar dos esforços estarem focados no investimento das empresas e empregos, nem sempre as ações do Estado atingem todos os sectores económicos, havendo destruição das empresas, de capital físico e humano.

Esta perda de valor, é propícia a movimentos nacionalistas e a medidas protecionistas, tal como aconteceu depois da crise de 1929 - a Grande Depressão, que influenciou o início da Segunda Guerra Mundial (Silber, 2020).

## *2.2. Desglobalização*

A desglobalização, é um termo designado para denominar tendências que surgiram contrárias ao processo da globalização (Dugnani, 2018), tendo como particularidade de ser um processo de enfraquecimento da interdependência entre as nações (Witt, 2019).

Segundo Cunha (2019), a palavra desglobalização, surgiu a partir da análise de dados de instituições internacionais — como o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional, a Organização Mundial do Comércio, o G7 e os G20, que procuraram mostrar que o processo de globalização teria limites.

A utilização do conceito de desglobalização, é referente ao período de crise financeiro de 2008 até ao atual momento, o que coloca em alerta os modelos e valores ocidentais praticados desde o final da Segunda Guerra Mundial.

A globalização é definida como um pêndulo e apresenta-se como um fenómeno cíclico que depende de condições político-económicas, impulsionada pelo progresso tecnológico (Meyer, 2017).

Esta ciclicidade ou “ondas de globalização”, é observável através dos últimos 2000 anos de história, onde existiram vários picos de ascensão e declínio de impérios, de relações comerciais e de globalização.

Para Kobrin (2017), estamos a testemunhar uma era mais desglobalizada, mas

continuando a coexistir as duas vertentes, a globalização e a desglobalização: a atividade comercial e o investimento direto estrangeiro sofreram uma diminuição, enquanto que, as TIC, juntamente com as empresas globais e fusões internacionais nos países em desenvolvimento aumentaram (Cavusgil & Knight, 2015; Lund & Tyson, 2018; Zhu et al., 2020).

Perante a conjuntura atual, vários autores reconhecem a existência de um “novo normal”, compreendido em mudanças nas componentes económicas, demográficas, sociopolíticas e tecnológicas.

Na tabela em baixo são abordadas as principais vertentes do novo normal:

TABELA I - PRINCIPAIS VERTENTES DO NOVO NORMAL

Económica	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Diminuição do investimento directo estrangeiro;</li> <li>•Economias desenvolvidas permanecem com um baixo nível de crescimento;</li> <li>•Desaceleração do crescimento do produto e da produtividade das economias desenvolvidas;</li> <li>•A China apresenta um desenvolvimento económico mais lento;</li> <li>•Brasil, Índia e Rússia, têm uma taxa de crescimento mais limitada.</li> </ul>
Demográfica	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Nos países desenvolvidos: geração de baby boomers está a envelhecer, existe baixas taxas de fertilidade e uma taxa de crescimento populacional em declínio;</li> <li>•Num futuro próximo, economias emergentes mais antigas (China e Rússia) terão o mesmo problema;</li> <li>•Forte crescimento demográfico em alguns países em desenvolvimento (por exemplo, em África).</li> </ul>
Social	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Questionamento sobre a legitimidade dos mercados livres, comércio internacional, ou organizações com fins lucrativos;</li> <li>•Aumento do conceito da "sustentabilidade";</li> <li>•Conflitos intergeracionais, especialmente nos países desenvolvidos;</li> <li>•Redes sociais difusas mas fragmentadas.</li> </ul>
Tecnológica	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Dados cibernéticos: a informação é digitalizada, armazenada, processada e formatada para distribuição em massa;</li> <li>•Ameaça crescente à privacidade de governos e empresas privadas com fins lucrativos;</li> <li>•Nova computação, comunicações, IA, e design e fabrico (por exemplo, impressão 3D).</li> </ul>
Política	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Utilização de dados cibernéticos para manipulação política;</li> <li>•Novos movimentos populistas emergindo com base em tecnologias de comunicação baratas;</li> <li>•Aumento da participação governamental na gestão e comércio de empresas;</li> <li>•Movimentos nacionalistas renovados.</li> </ul>

Fonte: Ahlstrom et al. (2020)

A desglobalização tornou-se numa realidade, e espera-se que persista em muitos mercados influenciada pelo novo normal (Rodrik, 2019; Witt, 2019).

Como abordado, alguns governos têm adotado medidas protecionistas, incluindo barreiras tarifárias e não tarifárias (Meyer, 2017).

Como medidas restritivas, usam controlos de câmbio de forma a tratar de questões de segurança, de concorrência e relacionadas com a proteção de ativos e inovações importantes. As consequências destas políticas são a restrição de transferência internacional de propriedade intelectual, o movimento da mão-de-obra, a integração dos mercados de bens e serviços, e o fluxo de capital estrangeiro (Conti, 2018).

Quanto às empresas multinacionais, perante o contexto de desglobalização, estas terão como desafio a definição de uma estratégia baseada neste novo cenário, e não numa suposição implícita de globalização contínua (Witt, 2019).

A formulação passará por estratégias de mercado, pretendendo reconfigurar as suas atividades de agregação de valor entre nações (Delios & Ma, 2010), e por estratégias de não mercado (Mellahi et al., 2016), onde se destacam duas vertentes paralelas: a responsabilidade social corporativa e a atividade política corporativa.

Para Bello (2008), a desglobalização não corresponde a sair da economia internacional, mas reorientar as economias na produção para o mercado interno, em vez da produção para os mercados de exportação. Para isso é necessário adotar algumas medidas, como por exemplo:

- i. extrair a maior parte dos recursos financeiros de um país para o desenvolvimento interno, ao invés de estar dependente do exterior de investimento e mercados financeiros estrangeiros;
- ii. realizar as medidas de redistribuição de renda e redistribuição de terras, de forma a gerar um mercado doméstico forte, criando recursos financeiros para investimento;
- iii. tirar a ênfase do crescimento e maximizar a equidade para reduzir o desequilíbrio ambiental;
- iv. não deixar as decisões económicas estratégicas para o mercado, mas torná-los sujeitos à escolha democrática;
- v. submeter o supervisionamento da sociedade civil ao sector privado e o

estado;

vi. criar um novo complexo de produção e troca, priorizando as cooperativas comunitárias, empresas privadas e estatais, afastando as empresas multinacionais;

vii. aplicar a subsidiariedade na vida económica, estimulando a produção de bens a nível nacional.

As tensões comerciais atuais tendem a agravar uma mudança que ocorre desde a crise financeira de 2008-09, explicadas pela diminuição ou estagnação do investimento internacional, do comércio, dos empréstimos bancários e das cadeias de abastecimento em relação ao PIB mundial, representado na Figura 1 (The Economist, 2019).

FIGURA 1 - Índice de Medidas de Integração Global



Fonte: The Economist (2019)

Para Arbidane et al., (2021), a globalização diminuiu de velocidade da luz para o ritmo de um caracol na última década. Face a isso, são apontados os seguintes fatores:

- i. os custos de transporte estabilizaram;
- ii. as empresas transnacionais observam que a expansão global desvaloriza o seu dinheiro, enquanto que os concorrentes nacionais têm vantagens sobre elas;
- iii. a atividade comercial tende a se concentrar nos serviços, e por serem intangíveis existe dificuldade em vender no exterior;
- iv. a produção chinesa tornou-se mais independente e a necessidade de importação de peças diminuiu.

“*Slowbalisation*”, é um termo usado desde 2015, por Adjiedj Bakas, um escritor holandês, que descreve esta nova era de abrandamento.

O novo mundo funcionará de forma diferente. O *Slowbalisation* leva à fortificação de vínculos dentro dos blocos regionais, afirmando o controlo sobre o comércio e os investimentos. As cadeias de abastecimento na América do Norte, Europa e Ásia, tendem a localizar-se mais perto dos locais de origem. Na Ásia e na Europa, a maior parte do comércio já é intra-regional, e a participação aumentou desde 2011. Por exemplo, as empresas asiáticas em 2017 fizeram mais vendas externas na Ásia do que na América (The Economist, 2019).

As realocações das cadeias de abastecimento, são um domínio importante, pois um bom posicionamento, trará vantagens competitivas em relação a outros.

A competição no mercado é cada vez mais, entre as cadeias de fornecimento do que entre empresas singularmente. As empresas tornaram-se mais especializadas e focalizadas. É essencial para as empresas, a gestão de toda esta rede de unidades fornecedoras e distribuidoras, de modo que o desempenho global da cadeia, seja adequado (Pinto, 2012).

Considerando um prisma mais macro, a concorrência é um aspeto importante quando se verifica o papel e posicionamento duma determinada nação. Estas têm de ser competitivas, dependendo da capacidade da indústria de se modernizar e das pressões e desafios resultantes dos seus concorrentes que ajudam as empresas a fortalecerem-se.

Deste modo, Porter (1990) defende que existem países que são mais competitivos que outros, mas questiona: «Terá um país que ser competitivo em todos os sectores para

ser mais competitivo que outro país?», ou apenas nos segmentos de indústria onde o diamante é mais favorável?

As condições nacionais do país de origem influenciam o posicionamento de uma empresa. Porter criou o Modelo de Diamante, combinando quatro determinantes que moldam o ambiente. As empresas competem, sendo o meio para uma nação obter o sucesso. Esses determinantes são:

i. as condições dos fatores: que remetem para a disponibilidade e qualidade dos recursos humanos, físicos, de conhecimento e de capital. Podem-se subdividir em básicos (recursos naturais, clima, localização, mão-de-obra não especializada e a dívida de capital) e avançados (mão-de-obra altamente qualificada, instituições de investigação e sistemas de comunicação digital), que são essenciais para a criação de vantagens competitivas de alto valor acrescentado;

ii. condições de procura: a natureza da procura no mercado interno do produto ou serviço da indústria, nomeadamente a presença de clientes sofisticados e exigentes;

iii. indústrias relacionadas e de suporte: a presença ou ausência na nação de indústrias fornecedoras e outras indústrias relacionadas, que são competitivas nos mercados internacionais;

iv. estratégia, estrutura e rivalidade: são as condições que uma nação dispõem, que regem a forma como as empresas são criadas, organizadas e geridas, bem como a natureza da rivalidade interna.

Para fundamentar a diminuição da globalização, são utilizados dois indicadores que medem em detalhe e abrangem todos os aspetos que influenciam este processo, designadamente:

Investimento Direto Estrangeiro:

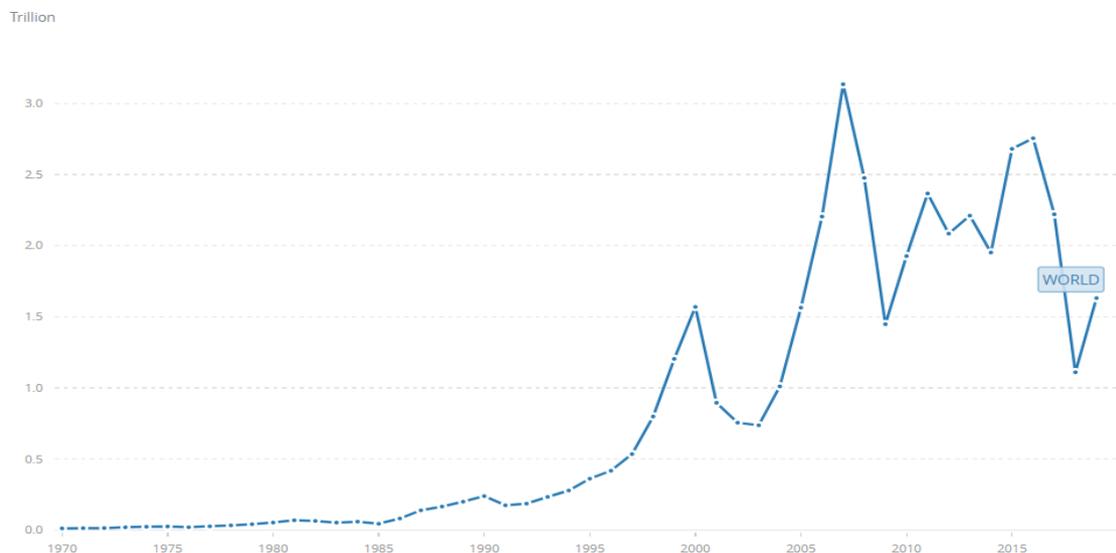


FIGURA 2 - Gráfico IDE *Net Inflows* em USD

Fonte: The World Bank (2021a)

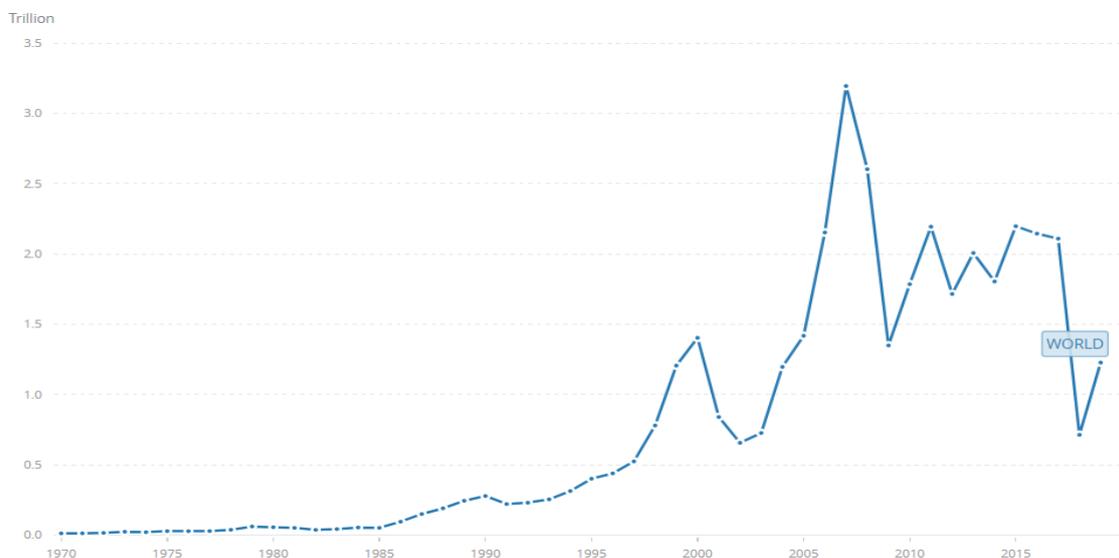


FIGURA 3 - Gráfico IDE *Net Outflows* em USD

Fonte: The World Bank (2021b)

Na Figura 2 e 3, está representado o Investimento Direto Estrangeiro no Mundo desde 1970. É analisado em duas perspetivas: o IDE *Net Inflows*, que são as entradas líquidas feitas por investidores não residentes na economia declarante, e o IDE *Net*

*Outflows* que são as saídas líquidas feitas pelos residentes da economia declarante para economias externas.

É observável que os dados em ambos os gráficos, têm um comportamento idêntico. De 1970 a 2000, a tendência do IDE foi de crescimento gradual e constante, contudo foi interrompido pelo crash da bolha *dot-com*, que devido a investimentos especulativos em empresas tecnológicas baseadas na *Internet*, alimentou uma bolha que estourou no mercado de ações neste período, entrando o mercado em baixa (Hayes, 2019). Este foi o primeiro entrave em 30 anos de crescimento, que durou até 2003, no IDE *Net Inflows* e 2002 no IDE *Net Outflows*.

Posteriormente ocorre um período muito positivo, onde foi alcançado o pico dos anos 2000, e inclusive aumentou para mais do dobro desse valor até 2007.

No entanto, a tendência é novamente quebrada. Desta vez, pela crise financeira de 2007-08, que devido a um aumento da dívida consequente da introdução de novos instrumentos financeiros e a criação de uma bolha imobiliária (bolha hipotecária), criou uma das mais longas e significativas quebras que o mundo já viu. O valor decresceu até 2009, atingindo um montante mais baixo do que o pico de 2000.

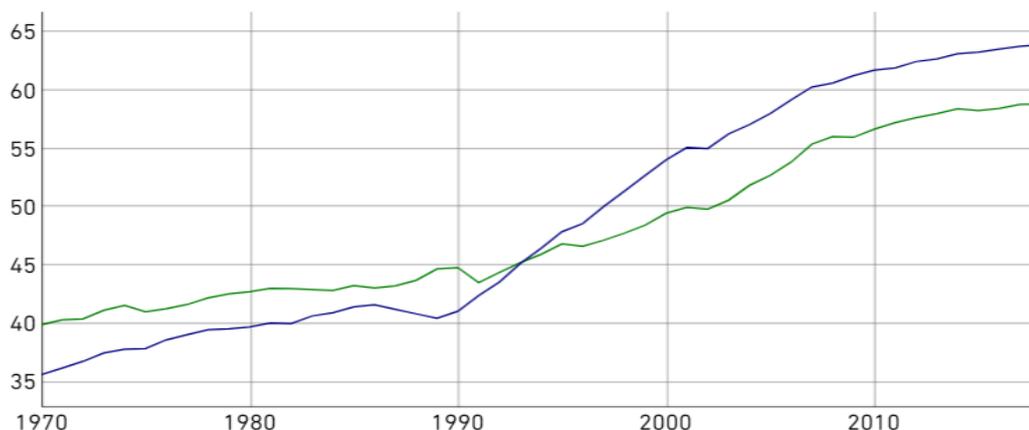
Entre 2009 a 2016, a tendência tem sido de oscilações, subindo e descendo variavelmente cada ano, não tendo sido atingido o pico de 2007.

A partir de 2016, houve novamente um decréscimo do valor em ambos os IDE, desta vez a queda atingiu montantes relevantes, uma vez que chegou a valorização observada no ano de 2004 para o IDE *Net Inflows* e 2003 para o IDE *Net Inflows*, anos posteriores à primeira queda do IDE.

A explicação, desta grande desvalorização, poderá ter sido pela instabilidade existente nesse ano, nomeadamente a nomeação de Donald Trump para presidente do EUA e também o referendo de saída do Reino Unido da União Europeia.

Em suma, os últimos 20 anos foram em grande parte, moldados por três crises globais nos mercados de capitais: a bolha das *Dotcom* em 2000, a crise financeira de 2007-2008 e, atualmente, a crise do Covid 19 (Langenstein et al., 2021), para a qual ainda não existe dados nestes parâmetros, mas averiguando o comportamento das crises anteriores, certamente baixara o valor. Assim, conclui-se que existe uma diminuição de atração de investimentos direto estrangeiro que por acrescente, diminui a fomentação do crescimento, nomeadamente a oportunidade de gerar lucro, criar postos de trabalho e aumentar a produtividade.

## Índice de Globalização:

FIGURA 4 - KOF *Globalisation Index*

Fonte: KOF Swiss Economic Institute (2021)

Legenda:

■ - Índice de facto

■ - Índice de jure

O KOF *Globalisation Index*, mede a globalização ao longo da dimensão económica, social e política para quase todos os países do mundo desde 1970, tornando-se no índice de globalização mais amplamente utilizado na literatura académica (Potrafke, 2015).

O Índice de Globalização é baseado em 43 variáveis individuais, que são agregadas a um índice de facto e de jure de cinco subdimensões (comércio, globalização financeira, interpessoal, informacional e cultural), três dimensões (globalização económica, social e política) e um índice total (Gygli et al, 2019). Nos anexos é apresentado uma tabela com maior detalhe da estrutura do índice de globalização e das dimensões avaliadas no índice de facto e de jure.

O crescimento continuado da globalização desde 1970 é verificado na Figura 4. É possível observar, que no início teve um aumento linear até ao ano de 1990, porém, a partir deste período e com o fim da guerra fria, em 1991, o crescimento da globalização teve um grande impulso, sendo exponencial. É verificado, nessa altura, a maior taxa de crescimento da globalização, caracterizando-se como a era de ouro. A partir de 2010 até 2018, o índice passa para uma fase de abrandamento, que apesar do contínuo crescimento, não se verifica a progressão analisada nos anos anteriores.

Em síntese, o índice de globalização, tal como o IDE, apresentam um crescimento constante até ao 2018. Contudo é influenciado pelas crises globais nos mercados de

capitais: a bolha das *Dotcom* em 2000 e a crise financeira de 2007-2008, que apesar de não diminuir o seu crescimento influencia numa evolução mais vagarosa.

### 2.3. Síntese

Após a análise dos artigos descritos na revisão de literatura verifica-se assim uma tendência de mudança de paradigmas.

Explorando os detalhes de cada processo, constata-se que na génese da globalização existe uma maior abertura de mercados no comércio e no investimento externo, uma crescente liberalização dos mercados financeiros e um grande desenvolvimento das tecnologias de informação e de comunicação. Contrariamente, a desglobalização, que manifesta algumas problemáticas, que tendem a influenciar a sociedade e os padrões postos em prática, aparentando um nível de abrandamento do mundo global, características de menor interdependência entre as nações e de reorientação das economias.

Por estes fatores, existem mudanças que merecem ser estudadas sobre a forma atual de lidar com a realidade global ou desglobal.

## 3. QUESTÃO DE INVESTIGAÇÃO

Com este estudo pretende-se analisar de que forma esta nova realidade influencia um determinado país, focada em eventuais mudanças, cujo processo de implementação poderá ser benéfico ou não.

Portugal, com uma economia aberta ao exterior e fortemente exportadora, será objeto de estudo.

Posto isto, a Questão de Investigação é:

- Quais os impactos em Portugal da tendência da desglobalização?

#### 4. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Definida a questão de investigação, importa utilizar uma metodologia adequada ao problema do estudo. Atendendo a esse facto, a abordagem utilizada será a qualitativa, fundamentada através de um estudo de caso e de fontes secundárias de análise documental.

Os métodos qualitativos centram-se na compreensão dos problemas, analisando os comportamentos, as atitudes e os valores. Consequentemente, não existem preocupações com a dimensão da amostra, nem com a validade e fiabilidade dos instrumentos (Sousa & Baptista, 2014).

Cassell & Symon (1994), definiram as características do método qualitativo como:

- Foco na interpretação ao invés da quantificação;
- Ênfase na subjetividade ao invés da objetividade;
- Flexibilidade no processo de conduzir a pesquisa;
- Orientação para o processo e não para o resultado;
- Preocupação com o contexto;
- Reconhecimento do impacto do processo de pesquisa sobre a situação de pesquisa.

Marshal & Rossman (1995), consideram que as generalidades dos estudos de investigação se enquadram em quatro categorias:

- Exploratórios: Que tem como objetivo estudar uma certa realidade que foi pouco explorada, levantando hipóteses sobre esta;
- Explanatórios: Que tem como objetivo explorar o fenómeno em estudo, identificando as suas causas;
- Descritivos: Que tem como objetivo descrever copiosamente e com transparência um objeto de estudo.
- Preditivos: Que procuram antever os resultados de um fenómeno.

Os mesmos autores, afirmam que as abordagens qualitativas são adequadas aos estudos de natureza exploratória, descritiva, ou explanatória, sendo que o estudo de caso se adequa aos estudos exploratórios e descritivos.

O estudo de caso é uma metodologia de investigação que permite compreender, explorar ou descrever acontecimentos em contextos complexos. A utilização desta metodologia é defendida por Yin (2015) para responder a questões tais como: “porquê?” e “como?”. O mesmo autor refere ainda que o estudo de caso é adequado quando o investigador detém pouco ou nenhum controlo sobre os acontecimentos.

Creswell (2013), refere que o método de estudo de caso “explora um sistema limitado contemporâneo da vida real (acaso) ou múltiplos sistemas limitados (casos) ao longo do tempo, por meio de detalhes, recolha de dados extensa, envolvendo múltiplas fontes de informação e relatórios”.

A pesquisa de natureza exploratória e descritiva, será a fonte condutora deste trabalho, com o objetivo de recolher, descrever e analisar a influência da desglobalização em Portugal.

No desenvolvimento da dissertação foi utilizado as seguintes fontes de informação: Revistas Científicas, como a EDP Sciences, Springer, Science Direct e a SHS Web of Conferences; Jornais, como o Jornal Económico, The Economist, Journal of Management e o Journal of International Business Studies e Sites como o da Fundação Francisco Manuel Dos Santos, AICEP, PORDATA, EY e a Eurostat.

## 5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DO CASO

Neste capítulo será feita a apresentação e análise do caso, que incide nas seguintes determinantes: a caracterização de Portugal, enquadramentos socioeconómicos, as vantagens competitivas e os principais sectores industriais em Portugal.

### 5.1. Caracterização de Portugal

Portugal, oficialmente República Portuguesa, é um Estado da Europa Meridional, fundado em 1143, que ocupa uma área total de 92.212 Km<sup>2</sup>. Está geograficamente situado na costa oeste da Europa, na Península Ibérica e é considerado a “porta de entrada da Europa”. Faz fronteira com Espanha, a Norte e Leste e com o Oceano Atlântico, a Sul e Oeste. O território português inclui ainda duas regiões autónomas: os arquipélagos da Madeira e dos Açores, localizados no Oceano Atlântico (Portal Diplomático, 2021).

É um país com 10,3 milhões de habitantes, sendo que cerca de 50% é considerada população ativa. A distribuição da população evidencia maior concentração populacional junto à faixa litoral, constituída por duas áreas com maior densidade populacional, as cidades de Lisboa (a capital) e do Porto.

A língua portuguesa é falada por mais de 250 milhões de pessoas, espalhadas por quase todos os continentes: Europa, África, América e Ásia (Visit Portugal, 2013).

### 5.2. Enquadramento Socioeconómico

O enquadramento socioeconómico, tem como objetivo evidenciar as práticas mais relevantes que relacionem as circunstâncias sociais e económicos, de um local, região ou país. Do ponto de vista social, deve incidir sobre a educação, a taxa de desemprego ou o rendimento médio familiar, por exemplo. Da perspetiva económica, interessa falar do PIB, exportações e importações.

Quanto à capacidade exportadora portuguesa, desde o início do milénio que a tendência é positiva, crescendo gradualmente ano após ano, à exceção de 2009, em que, devido à crise, a taxa de exportação diminuiu cerca de 15%. Após esse impacto, a resposta do mercado exportador voltou a registar variações positivas, alcançando o seu melhor resultado em 2018 com 73.222 milhões de euros (PORDATA, 2020).

O surto da COVID-19 teve um impacto muito significativo na economia portuguesa, afetando as exportações e importações.

Apurando os países mais importadores de produtos portugueses em 2020, destacam-se três países: em primeiro lugar, Espanha, com um montante de 13.636 milhões de euros; França, em segundo lugar com 7.300 milhões de euros; e Alemanha em terceiro lugar com 6.378 milhões de euros; outros países relevantes para o mercado exportador português são o Reino Unido, os Estados Unidos e a Itália (PORDATA, 2021a).

Para além dos valores e dos países, interessa também expor quais os produtos mais exportados. No ano de 2020, os produtos mais exportados pertenciam à categoria de “Minérios e Metais”, que perfizeram um total de 9.164 milhões de euros. A seguir, destaca-se a categoria dos “Materiais de Transporte” com 7.970 milhões de euros e as “Máquinas” com um total de 7.891 milhões de euros. Outros sectores também merecedores de destaque, são o sector “Agroalimentar”, o sector dos “Químicos e Borrachas” e o sector das “Peles, couros e têxteis” (PORDATA, 2021b).

Na ótica contrária, Portugal é também um país dependente das importações. Embora a este nível haja mais oscilações, ou seja, não existe uma tendência desde o início do milénio, existe de facto algum crescimento notório nos últimos 10 anos. Em 2019, foi o ano em que o nível de importação atingiu o seu pico até à data, com um montante de 79.977 milhões de euros.

Os países que mais contribuem para este elevado valor são praticamente os mesmos que constam no parágrafo da exportação. Contudo, neste aspeto a discrepância de valores é claramente maior, com Espanha a assumir o primeiro lugar destacado em 2020, com 22.089 milhões de euros. Segue-se a Alemanha, com 9.088 milhões de euros e depois França com 5.086 milhões de euros. Outros países com importante relevância são a Itália e os Países Baixos (PORDATA, 2021c).

Curiosamente, os sectores mais importantes para Portugal e que constituem a maior parte dos gastos em importações, são os mesmos que representam os maiores ganhos nas exportações: “Máquinas”, que totaliza o valor de 13.206 milhões de euros; depois o sector dos “Químicos e Borrachas” com 12.500; segue-se os “Minérios e Metais” com 12.393 milhões de euros. Em sintonia com as exportações, os outros sectores dos quais Portugal é algo dependente são os “Materiais de Transporte”, o “Agroalimentar” e “Peles, Couros e Têxteis” (PORDATA, 2021d).

Nas tabelas em baixo estão ilustrados os valores relativos às importações e exportações no ano de 2020.

TABELA II - IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

Países Parceiros de Portugal	Exportações		Principais Tipos de Bens	Importações	
	Euro - Milhões	Importações Euro - Milhões		Euro - Milhões	Euro - Milhões
Alemanha	6.378	9.088	Agro-alimentares	7.466	10.808
Angola	870	389	Químicos, borrachas	7.087	12.500
Brasil	727	1028,2	Madeira, cortiça e papel	3.961	2.111
China	567	3.067	Peles, couros e têxteis	4.901	4.349
Espanha	13.636	22.089	Vestuário e calçado	1.596	728
Estados Unidos	2670	1.236	Minérios e Metais	9.164	12.393
França	7.300	5.086	Máquinas	7.891	13.206
Itália	2.358	3.551	Material de transporte	7.970	8.410
Japão	242	292	Outros	3.717	3.635
Países Baixos	2.004	3.766	Total	<b>53.757,4</b>	<b>68.145</b>
Reino Unido	3.062	1.929			
Outros	13.939	16.047			
Total	<b>53.757</b>	<b>68.145</b>			

a)

(b)

Fonte: PORDATA (2021)

Outro indicador macroeconómico, entre os mais relevantes, é o PIB (Produto Interno Bruto), total e *per capita*. O primeiro representa o montante dos bens e serviços por ele produzidos num dado ano. Esse valor refere-se à produção efetuada no país, independentemente de ser realizada por empresas nacionais ou estrangeiras (Infopédia, 2021).

O PIB *per capita*, por sua vez, é o PIB total a dividir pelo número de habitantes desse local, região ou país, traduzindo-se assim o valor correspondente ao que cada pessoa em média produz nesse período de tempo. Ambos os valores têm como objetivo avaliar a qualidade de vida nesse local a que respeitam (Eurostat, 2020).

Na Tabela III, que representa a evolução do PIB português, verifica-se um aumento desde 2016, indicando um desenvolvimento da economia portuguesa. No ano de 2020, registou-se uma contração económica, no valor de 202 milhões de euros.

TABELA III – EVOLUÇÃO DO PIB EM PORTUGAL

Evolução: PIB anual Portugal		
Data	PIB anual	Var (%)
2020	202.441M.€	-7,60%
2019	213.949M.€	2,50%
2018	205.184M.€	2,80%
2017	195.947M.€	3,50%
2016	186.490M.€	2,00%

(a)

Evolução: PIB <i>per capita</i> Portugal		
Data	PIB <i>per capita</i>	Var. anual (%)
2020	19.660€	-5,60%
2019	20.800€	4,30%
2018	19.950€	4,90%
2017	19.020€	5,30%
2016	18.060€	4,10%

(b)

Fonte: Country Economy (2021)

Em baixo está representado indicadores macroeconómicos com dados pertinentes para o enquadramento socioeconómico.

		2017	2018	2019	2020
Consumo Privado	Mil Milhões EUR	126,5	131,9	136,6	129,8
Consumo Público	Mil Milhões EUR	33,7	34,8	36	38,2
População	Mil habitantes	10 285	10 264	10 263	10 292
Emprego	Mil indivíduos	4 757	4 867	4 913	4 814
Desemprego	Mil indivíduos	463	366	340	351
Taxa de atividade	% população >15 anos	59	59,1	59,3	58
Taxa desemprego	% pop. ativa	8,9	7	6,5	6,8
Saldo Orçamental do Sector Público	% do PIB	-3	-0,3	0,1	-7,3
Dívida Pública	% do PIB	126,1	121,5	117,2	135,1
Saldo da Balança Corrente	Mil Milhões EUR	2,5	1,1	-0,7	-2,4

(a)

FIGURA 5 - Indicadores Macroeconómicos

Fonte: AICEP (2021a)

Outro indicador interessante é o rendimento médio bruto de um agregado familiar. No ano de 2019, o rendimento médio bruto é de 18.600€, apresentando-se como o valor mais alto desde 1990 (PORDATA, 2021f).

A respeito da educação em Portugal, observa-se uma evolução bastante positiva entre o ano de 2010 e 2020. Segundo a PORDATA (2021e), houve uma diminuição do nível de sem escolaridade em 50%, o valor mais baixo de sempre. Este dado é um bom indicador, tendo em conta o regime ditatorial vivido em Portugal, onde a educação não era tida como prioritária, existindo uma população com altos níveis de analfabetismo. O 1º ciclo do ensino básico e o 2º ciclo do ensino básico, ambos diminuíram, apresentando uma redução de 25%. Ao nível do 3º ciclo do ensino básico, o número de pessoas estabilizou. Quanto ao nível de secundário e pós-secundário, houve um crescimento de 53%, que comparado com os outros níveis de escolaridade é o que apresenta uma maior população. Contrariando o ano de 2010, onde o nível de escolaridade com mais indivíduos era o 1º ciclo do ensino básico. Por fim, o nível superior, onde o crescimento foi o mais significativo de todos, 78%. Há uma clara evolução das qualificações, representativo das mudanças educacionais fomentadas nestes últimos anos. Equiparando estes números com os da União Europeia, depreende-se que é necessário mais investimento educacional para

estar no mesmo patamar de outros países (Eurostat, 2021).

Na revisão de literatura é utilizado um índice, que mede a globalização ao longo da dimensão económica, social e política. Para fundamentar a diminuição da globalização e verificar a sua evolução em Portugal, vai ser utilizado a mesma ferramenta.

Índice de Globalização em Portugal:

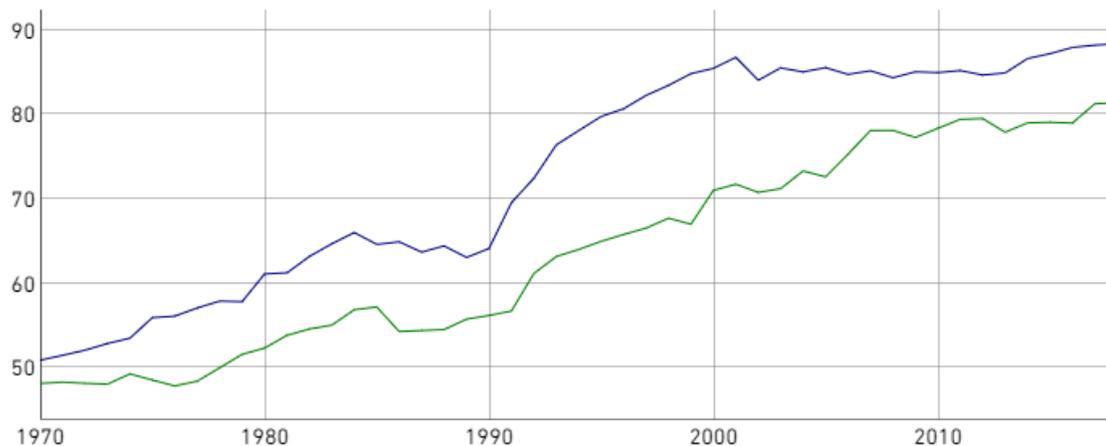


FIGURA 6 - KOF Globalisation Index Portugal

Fonte: KOF Swiss Economic Institute (2021)

Legenda:

■ - Índice de facto      ■ - Índice de jure

Analisando o índice de globalização em Portugal, nota-se o seu crescimento desde os anos 70. É importante referir dois aspetos que influenciaram este desenvolvimento: *a revolução de 1974*, que devolveu a liberdade e a democracia aos portugueses. Anteriormente, o país era gerido por um regime, o Estado Novo, num modelo colonial, corporativista e protecionista, muito assente na agricultura e na indústria. A partir do início dos anos 1970, e com o início da primavera Marcelista, Portugal, começou a levantar algumas restrições, no entanto, só mesmo depois da revolução é que foi possível abrir a economia ao exterior (Portal Diplomático, 2021); *e a adesão na CEE*, onde Portugal participa, na construção de uma nova Europa. Na década de 1990, Portugal, seguiu uma política económica determinada pelos critérios da União Económica e Monetária, no qual, integrou na Zona Euro (Portal Diplomático, 2021). Comparando os

dados apresentados com a globalização (índice apresentado na Figura 4), é perceptível o crescimento existente da globalização desde 1970, com um crescimento regular. Nos anos de 1990, ambos os índices apresentaram um pico de crescimento, nomeadamente a adesão na CEE, para o índice em Portugal e o fim da guerra fria, para o índice de globalização. Por fim, nos anos de 2000, é verificada uma fase de abrandamento.

### 5.3. *Vantagens Competitivas*

Nos últimos anos, Portugal, tem despertado o interesse de importantes empresas internacionais, atraindo para o país um número elevado de investidores estrangeiros. Mesmo em ano de crise pandémica, Portugal entrou no top 10 dos países mais atrativos para Investimento Direto Estrangeiro (IDE), de acordo com o EY Attractiveness Survey Portugal 2021. Em 2020, foram anunciados 154 projetos de IDE, o que representa um decréscimo de 3% em comparação com os 158 contabilizados no ano anterior (EY, 2021).

Nas intenções de investimento estrangeiro em 2020, a atividade de Manufatura foi o foco da atratividade, registando 24% dos projetos. A atividade da Investigação & Desenvolvimento, surge em segundo lugar, atraído 21% do investimento estrangeiro, em especial nas áreas do Digital e das Tecnologias de Informação. A atividade dos Serviços Empresariais, foi bastante atrativa registando também 21% do investimento estrangeiro (EY, 2021).

Estes investimentos têm permitido a criação de empregos altamente qualificados, fomentando um ecossistema de inovação e potenciando as exportações.

Portugal é reconhecido internacionalmente por diversos fatores, sendo considerado um país competitivo, inovador e atrativo.

Baseado num estudo da AICEP (2021b) os principais fatores de competitividade em Portugal são:

Talento:

- i. possui um conjunto de talentos altamente qualificados, um ambiente de trabalho multilingue e multicultural, fortes redes de formação e de conhecimento, aliado a um risco operacional muito baixo;

ii. a qualidade da engenharia portuguesa é um dos fatores relevantes na decisão de investir no país, principalmente para subir na cadeia de valor e captar projetos de alta tecnologia. Em 2020 teve a terceira maior taxa de engenheiros na União Europeia;

iii. os jovens portugueses possuem competências multilingues, refletindo-se no Índice de Competências em Inglês, que em 2020 obteve a sétima posição.

- Localização Estratégica:

i. permite o acesso de empresas de vários países no mercado europeu, sendo uma plataforma para os países atlânticos – Américas e África;

ii. é uma porta de entrada na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), espalhado por quase todos os continentes: Europa, África, América e Ásia, que conta com mais de 250 milhões de consumidores.

- Infraestruturas:

i. Portugal dispõe de excelentes infraestruturas físicas e de transporte, contando com uma vasta rede rodoviária nacional, uma rede ferroviária de mais de 2.500 quilómetros, 10 aeroportos, que permitem uma vasta rede de ligações internacionais e nove portos marítimos: Viana do Castelo, Leixões, Aveiro, Figueira da Foz, Lisboa, Setúbal, Sines, Faro e Portimão;

ii. conta ainda com infraestruturas de telecomunicações tecnologicamente avançadas e de alta qualidade, com a rede de fibra ótica de última geração a abranger a maior parte do território;

iii. Portugal tem também um amplo e diversificado número de instituições de referência, fornecedores e empresas direcionadas para a I&D e a inovação.

- Ecossistema Inovador e Tecnológico:

i. desde a realização do *Web Summit*, um dos maiores eventos de tecnologia do mundo, colocou Portugal no mapa como polo tecnológico, apresentando uma nova geração de *startups* e empreendedores reconhecida pela sua capacidade de inovação.

Para além disso, existem ainda outros aspetos importantes, como a hospitalidade, a qualidade de vida, os recursos naturais na área das energias renováveis, a estabilidade política e social, (sendo o país europeu mais antigo com as atuais fronteiras), a facilidade de integração de estrangeiros, a vasta plataforma continental, a boa relação com a América do Sul e certos países de África e Ásia e imagem de um país com um clima ameno e seguro para se viver (AICEP 2021b).

#### *5.4. Estrutura industrial Portuguesa*

A economia portuguesa caracteriza-se por um elevado peso do sector dos serviços, que corresponde a 75,8% do VAB, empregando em 2020, 69,9% da população ativa. A agricultura, a silvicultura e a pesca representavam apenas 2,3% do VAB e 5,4% do emprego, enquanto a indústria, a construção, a energia e a água representavam 22 por cento do VAB e 24,8% do emprego.

Nas últimas décadas foi registado uma alteração significativa no padrão de especialização da indústria transformadora em Portugal: modernizou-se, saindo da dependência de atividades industriais tradicionais, para uma situação em que novos sectores, de maior incorporação tecnológica, ganharam relevância.

A tendência de desenvolvimento dos serviços, fez com que a indústria tenha perdido algum peso. A título de exemplo, a indústria transformadora passou de 18,1% do PIB em 1995, para 13,5% em 2019.

Decorrente da crise pandémica, e de outros fatores em cima apresentados como o Brexit, o protecionismo do EUA é importante criar uma economia resiliente que reduza a sua dependência face ao exterior e exposição a riscos de novas disrupções de cadeiras de valor.

Posto isto, a indústria é hoje vista como uma área prioritária para a recuperação e modernização económica nacional, que parte de uma transição ecológica e digital, nos termos do Plano de Recuperação e Resiliência (Portal Diplomático, 2021).

##### *5.4.1. Sectores industriais em Portugal*

Atualmente, as exportações implicam riscos, sendo necessário delinear estratégias de entrada em novos mercados. Por isso, para além da qualidade do produto é necessário ter recursos humanos com *know how*, para liderarem com toda a envolvente dos mercados externos. Em baixo são apresentados alguns sectores da indústria portuguesa com relevância nas suas exportações internacionais.

*Calçado:* Portugal evoluiu de uma indústria tradicional para uma indústria moderna e digitalizada, melhorando a sua posição na cadeia de valor da indústria do calçado.

Denota-se a elevada notoriedade internacional de Portugal na indústria do calçado. A marca “*Made in Portugal*”, tornou-se num símbolo de qualidade e design, sendo capaz de combinar o saber fazer adquirido durante décadas com a inovação a preços competitivos. É sobretudo orientado para a exportação, com mais de 95 por cento da produção, tendo um papel importante na estrutura industrial portuguesa.

Em 2019, Portugal exportou mais de mil milhões de euros em calçado, tendo sido o oitavo maior exportador da União Europeia. O calçado português, que conta com 2.740 empresas e mais de 44 mil trabalhadores, é exportado para 172 mercados externos, entre eles, França, Alemanha e Países Baixos (AICEP, 2021b).

*Cortiça:* Portugal é o maior exportador mundial de rolhas de cortiça, o produto mais produzido e mais exportado nesta indústria. As características da cortiça permitem uma grande diversidade de aplicações, desde a indústria vinícola, à construção e infraestruturas, arquitetura e design, indústria aeroespacial, transportes e energia, desporto e moda. A indústria de cortiça portuguesa é a maior exportadora do mundo e da União Europeia, encontrando-se presente em 115 mercados externos, entre os quais, França, Estados Unidos da América, Espanha e Itália. Com 477 empresas e 4.703 trabalhadores, este sector exportou, em 2019, mais de 700 milhões de euros (AICEP, 2021b).

*Farmacêutico:* O sector farmacêutico assume-se como uma excelente porta de entrada na Europa para clientes estrangeiros, tendo uma elevada capacidade competitiva, em termos de qualidade, produtividade, qualificação dos recursos humanos e I&D. Utiliza tecnologia inovadora para a generalidade das formas farmacêuticas, tem flexibilidade, capacidade de adaptação única para as diferentes necessidades dos parceiros mundiais e cumpre as boas práticas de fabrico de medicamento exigidas mundialmente. No que diz respeito ao comércio internacional, as exportações do sector ascenderam, em 2020, a 1.198 milhões de euros. Este sector exporta para 158 mercados altamente competitivos, sendo os seus principais clientes, a Irlanda, Alemanha, Estados Unidos e Reino Unido (AICEP, 2021b).

*Metalurgia e Metalomecânica:* A indústria da Metalurgia e Metalomecânica é composta por diferentes sectores: a metalúrgica de base; os produtos metálicos; o equipamento elétrico; as máquinas e equipamentos; os veículos automóveis; e a fabricação de outro equipamento de transporte. Assim, este sector constitui-se como um importante fornecedor da indústria portuguesa. Destaca-se a competitividade das empresas portuguesas desta indústria através da capacidade técnica, ao nível de engenharia, na incorporação de modernas tecnologias de conceção, e na produção e controlo, manuseadas por um capital humano altamente qualificado. Com mais de 15 mil empresas e mais de 192 mil trabalhadores, esta indústria exportou, em 2020, mais de 17.100 milhões de euros para mais de 200 mercados, como Espanha, Alemanha e França. As suas exportações representam 37% do total das exportações portuguesas de bens em julho 2021 (AICEP, 2021b)

*Mobiliário:* O sector do mobiliário português tem registado um crescimento positivo. É reconhecido pela durabilidade e qualidade dos produtos (como por exemplo, a combinação de materiais de qualidade), pela grande flexibilidade e capacidade de produção de artigos personalizados e exclusivos, como também o design inovador e a diversidade de produtos. Com exportações superiores a mil milhões de euros, em 2019, para 160 mercados, como França, Espanha e Estados Unidos da América, o sector português de mobiliário é representado por mais de 4.000 empresas e mais de 34 mil trabalhadores (AICEP, 2021b).

*Moldes:* Portugal é reconhecido pela qualidade e credibilidade neste sector, sendo portador de uma mão-de-obra altamente qualificada e de equipamentos de última geração. Possui uma alta capacidade instalada de produção, oferecendo uma relação competitiva entre qualidade, preço e confiança. Com uma posição sólida na indústria automóvel, o foco das empresas portuguesas passa por diversificar as suas indústrias de aplicação: dispositivos médicos, embalagens, eletroeletrónica, aeroespacial e bens de consumo. Os moldes portugueses, que contam com mais de 700 empresas e mais de 11 mil trabalhadores, são exportados para 85 países, como Espanha, Alemanha e França. Em 2019, este sector foi o terceiro maior exportador da União Europeia e o oitavo do mundo, com exportações superiores a 600 milhões de euros (AICEP, 2021b).

*Pasta, Papel e Cartão:* Portugal é um dos maiores produtores e exportadores de pasta, papel e cartão do mundo, sendo reconhecido pelos elevados padrões de eficiência, mão de obra qualificada, equipamento de última geração e alta qualidade das matérias-primas, como também de inovação, competitividade e sustentabilidade. Com mais de 500 empresas e mais de 12 mil trabalhadores, a indústria, é a 11<sup>a</sup> maior exportadora da União Europeia, registando, em 2019, exportações superiores a dois mil milhões de euros para 175 mercados internacionais, como Espanha, França e Alemanha, representando assim mais de quatro por cento do total das exportações portuguesas (AICEP, 2021b).

*TIC:* Este sector está em fase de expansão, revelando um franco crescimento internacional. Fatores de atratividade como a localização estratégica e a qualidade de vida em Portugal, têm pesado na tomada de decisão dos investidores na sua instalação. A estrutura empresarial deste sector caracteriza-se pelo elevado peso de microempresas, sobretudo nas áreas da Consultoria e Programação Informática. Contudo as empresas de grande dimensão são maioritárias em matéria de volume de negócios na área das Telecomunicações. As mais de 17 mil empresas do sector contam com mais de 130 mil trabalhadores. As exportações do sector ascenderam, em 2020, os 2.536 milhões de euros e destinaram-se a mais de 180 mercados, como o Reino Unido, Alemanha, França, Estados Unidos e Espanha (AICEP, 2021b).

*Têxteis:* A indústria portuguesa dos têxteis, é reconhecida internacionalmente pelo seu design criativo, personalização, flexibilidade e fiabilidade. Esta indústria oferece, mão de obra altamente qualificada, composta por mais de 138 mil trabalhadores, e soluções integradas em todo o processo de fabricação para todos os tipos de utilização. Após terem conquistado o mercado europeu, as mais de 12 mil empresas estão a projetar a sua excelência e criatividade para outros mercados. Em 2020, esta indústria exportou mais de quatro mil milhões de euros, representando mais de oito por cento do total das exportações portuguesas. Assim, posiciona-se como a oitava maior fornecedora da União Europeia, estando presente em 199 mercados, entre os quais, Espanha, França e Alemanha (AICEP, 2021b).

*Vinho*: Este sector tem apostado na inovação, a par da modernização dos métodos de produção, proporcionado a criação de vinhos de elevada qualidade que é reconhecida pelos prémios internacionais. A grande variedade de castas (cerca de 250), permite produzir uma diversidade de vinhos, marcados por características únicas. Em 2020, a exportação dos vinhos portugueses atingiu os 846 milhões de euros. Para este resultado, a contribuição mais significativa foi registada nos mercados do Brasil, França, Estados Unidos, Reino Unido e Canadá (AICEP, 2021b).

## 6. DISCUSSÃO

Neste capítulo, na sequência da apresentação e análise do caso, são discutidos os resultados detetados nas constatações de mudança com o fenómeno da desglobalização.

Na revisão de literatura são indicadas as principais características da desglobalização, com destaque para os aspetos que melhor interligam as possíveis mudanças em Portugal: a revolução das TIC, com o seu visível crescimento; a reorientação da economia de produção, com a realocação de unidades produtivas mais próximo do país de origem e não em geografias díspares; e o regionalismo, com o exemplo da União Europeia.

Partindo destas características é possível constatar uma mudança positiva com a desglobalização total ou parcial, nestes campos:

**As TIC:** O contexto atual, que foi impulsionado pela crise pandémica, implica uma aposta na inovação e na otimização das cadeias produtivas, procurando a adoção de soluções tecnologicamente mais avançadas, como é o caso da Inteligência Artificial (IA), IoT (*Internet of Things*) ou *Big Data* (Ferrão, 2021).

Verifica-se um número crescente de empresas a cocriar produtos com Universidades ou outros centros de conhecimento portugueses. É perceptível a orientação dos investidores em localizar algumas indústrias de alta tecnologia, como os sectores automóvel, de máquinas e aparelhos, bem como para consolidação de clusters, como o da aeronáutica, espaço e defesa.

De mencionar que o investimento em Centros de Competência altamente especializados e tecnológicos, tem contribuído significativamente para a consolidação do *hub* tecnológico, pelo qual o país começa a ser reconhecido na esfera internacional (EY,2021). Para além disso, a atividade da Investigação & Desenvolvimento, surge como uma área em crescimento, em especial nas áreas do Digital e das Tecnologias de Informação.

**Reorientação da economia de produção:** a indústria portuguesa tem vários sectores onde se apresenta com uma boa competência técnica, de gestão, inovação e capacidade para exportar.

Segundo a EY (2021), 80% dos investidores notam que a Europa Ocidental será a região mundial mais atrativa para o IDE num cenário pós-COVID-19, o que significa uma excelente oportunidade para Portugal atrair investimento. Para isso é necessário atualizar a indústria, que outrora teve uma posição relevante no mercado industrial, como é o caso da CUF, que chegou a ser o quarto maior conglomerado industrial da Europa (Morgado, 2020). Na anterior crise financeira de 2010-2014, a indústria representou um papel fundamental na recuperação da economia portuguesa, em especial nos sectores direcionados para as exportações. Contudo a nova realidade será mais complexa (Alves, 2020).

Portugal, pelo seu talento, localização estratégica, infraestruturas, ecossistema inovador e tecnológico, tem reunidas as condições para atrair novos investimentos, revelando capacidade e condições para alocar cadeias de produção.

**Regionalismo:** No ano de 2020, a União Europeia foi o principal destino das exportações de bens, com 71,4% por cento do total de 2020 (AICEP, 2021b).

Ao examinar as 10 maiores exportadoras de bens do país, constata-se o vasto leque de multinacionais, destacando-se duas empresas, a Galp Energia (Petrogal) e a The Navigator Company. Como também o predomínio da «vaga alemã», que exerce uma forte influência de investimento na indústria automóvel e de componentes, como por exemplo a AutoEuropa, a Continental e a Bosch (Fernandes, 2017).

A Alemanha é a maior economia europeia, com um PIB de 3.400 mil milhões de euros. É simultaneamente a quarta maior economia mundial, e aquela que confere dimensão de superpotência económica à Europa (AICEP, 2021b).

Partindo destes factos, e alinhando com a boa relação com o país germânico, e o facto de pertencer à União Europeia, seria interessante o aumento da captação de IDE e acolhimento das cadeias de produtivas deste país, visto que, já tem uma forte presença nas exportações e história com o país, nomeadamente a Autoeuropa, a *joint venture* criada no início dos anos noventa entre a Volkswagen e a Ford (Morgado, 2020).

## 7. CONCLUSÃO

### 7.1. Conclusões finais da investigação

Na primeira parte do estudo, foi realizada a revisão de literatura sobre a temática da globalização, da desglobalização e suas constatações.

A globalização evidencia-se por uma maior abertura dos mercados ao comércio, ao investimento, aos mercados financeiros e a revolução das tecnologias de informação e de comunicação, enquanto que, a desglobalização comporta um processo mais isolacionista e desunificado.

É perceptível a tendência de abrandamento da globalização, com os indicadores da atividade comercial e do IDE a sofrerem retrações. Para além disso, a presidência de Trump, o Brexit, a imigração, os populismos e a crise económica provocada pela pandemia COVID-19, são constatações da existência de um progressivo distanciamento com a globalização, ressaltando um novo fenómeno – a desglobalização.

Vários autores referem a mudança de prioridades de posicionamento das cadeias de abastecimento, ou seja, as empresas optam por colocar o processo da produção próximo do mercado local, de forma a obter menos custos.

No capítulo de apresentação e análise do caso é explorado o processo da desglobalização e a existência e constatação de mudanças em Portugal, ao qual é verificando as suas características socioeconómicas, vantagens competitivas e a estrutura industrial.

Conclui-se que Portugal tem uma economia aberta ao exterior, pelos fluxos de entrada e saída de bens, e com uma indústria fortemente exportadora, possuindo vantagens competitivas como talento, localização estratégica, infraestruturas e um ecossistema inovador e tecnológico.

Aliando ao facto da maioria das exportações e importações serem com a UE, será interessante o aumento da captação de Investimento Direto Estrangeiro, de um dos seus estados-membros, como por exemplo a Alemanha.

Para ocorrer a atração e, por conseguinte, obter vantagens competitivas, será

necessário a recuperação e modernização económica, como o aumento da liderança tecnológica e desenvolvimento de talento, e com isso Portugal poderá beneficiar com a desglobalização.

### *7.2. Limitações do Estudo*

Este estudo apresenta algumas limitações. A primeira advém devido à desglobalização ser um tema recente e, por esse motivo, existe pouca publicação científica disponível, embora seja visível algum aumento da temática nos meses finais de conceção da tese.

Pelo contrário, sobre a globalização, é um tema conhecido, existem imensos artigos científicos, mas pecam por não serem, na maioria, publicações recentes.

Outra limitação provém do facto de não ter sido testado hipóteses, o que permitiria uma investigação íntegra.

### *7.3. Recomendações para investigação futura*

Durante a realização do estudo registou-se alguma dificuldade por ser um tema atual. Para investigação futura, creio ser mais fácil quantificar as alterações enunciadas, pois as mesmas estão a decorrer no momento, permitindo de futuro a recolha mais pormenorizada de dados e com isso verificar, efetivamente, a influencia da desglobalização. Portanto, seria interessante observar e analisar essas mudanças, por exemplo, no sector industrial, com recurso a entrevistas/inquéritos de forma a permitir uma metodologia mais completa.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Ahlstrom, D., Arregle, J. L., Hitt, M. A., Qian, G., Ma, X., & Faems, D. (2020). Managing technological, sociopolitical, and institutional change in the new normal. *Journal of Management Studies* 57 (3), 411-437.
- AICEP (2021a). *Portugal - Ficha País* [Em linha]. Disponível em: **<https://www.portugalglobal.pt/PT/Biblioteca/Paginas/Detail.aspx?documentId=50f511f4-d2ea-4f9f-90e4-d47bde498c50>** x [Acesso em: 2021/07/02].
- AICEP (2021b). AICEP Apresenta Novo Plano Estratégico. *Revista Portugalglobal* 144, 2-50.
- Alves, F. (2020). *O desafio de reindustrializar Portugal* [Em linha]. Disponível em: **<https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/o-desafio-de-reindustrializar-portugal-635467>** x [Acesso em: 2020/10/05].
- Ampuja, M. (2015). Globalisation and neoliberalism: A new theory for new times?. In: Zajda, J. (Eds.) *Second international handbook of globalisation, education and policy research*, Dordrecht: Springer, pp. 17–31.
- Antràs, P. (2020). De-Globalisation? Global value chains in the post-COVID-19 age [Working Paper N° 28115]. *National Bureau of Economic Research*, Cambridge, MA.
- Apple, M. (2004). *Ideology and curriculum*, 3ª ed. New York: Routledge Falmer.
- Arbidane, I., Purii, H., Mamanazarov, A., Hushko, S., & Kulishov, V. (2021). Digital Transformation Modelling in the Context of Slowbalization. *SHS Web of Conferences* 100, 3-4.
- Barbieri, G. (2019). Regionalism, globalism and complexity: a stimulus towards global IR?. *Third World Thematics: A TWQ Journal* 4 (6), 424-441.

- Bello, W. (2008). *Deglobalization: Ideas for a new world economy*, London: Zed Books Ltd.
- Bezerra, J. (2020). *Brexit* [Em linha]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/brexit/> x [Acesso em: 2020/12/08].
- Boswell, C. (2005). Migration in Europe. Global Commission on International Migration.
- Cassell, C. & Symon, G. (1994). *Qualitative methods in organizational research: a practical guide*, 1ªed. London:Sage Publications Ltd.
- Cavusgil, S. T. & Knight, G. (2015). The born global firm: An entrepreneurial and capabilities perspective on early and rapid internationalization. *Journal of International Business Studies* 46 (1), 3-16.
- Colantone, I. & Stanig, P. (2016). Global Competition and Brexit. [Working Paper N° 1644]. *BAFFIN CAREFIN Centre Research Paper*, Università Bocconi.
- Comissão Europeia (2009). *An opportunity and a challenge - Migration in the European Union* [Em linha]. Disponível em: <https://op.europa.eu/en/publication-detail/-/publication/dc330869-f5e5-4649-80d0-6db5e6663876> x [Acesso em: 2021/01/10].
- Conselho Europeu & Conselho da União Europeia (2020). *Política de migração UE* [Em linha]. Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/pt/policies/migratory-pressures/#> x [Acesso em: 2020/12/20].
- Conti, A. (2018). Entrepreneurial finance and the effects of restrictions on government R&D subsidies. *Organization Science* 29 (1), 134-153.
- Country Economy (2021). *Portugal - PIB - Produto Interno Bruto* [Em linha]. Disponível em: <https://pt.countryeconomy.com/governo/pib/portugal> x [Acesso em: 2021/06/29].

- Cox, R. (1996). A perspective on globalization. In: Mittelman, J. & Sinclair, T. (Eds.) *Approaches to world order*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 21–300.
- Creswell, J. W. (2013). *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches*, 3ª ed. California: Sage Publications, Inc.
- Cunha, I. M. R. F. (2019). Desglobalização e Desocidentalização: Desigualdades, Populismo e Emoções. In: Maria Cristina Castilho Costa, M. C. C. & Blanco, P., (Eds.) *Liberdade de Expressão e Campanhas Eleitorais: Brasil 2018*, São Paulo: Walter de Sousa Junior, pp. 43-75.
- Daun, H. (2015). Globalisation, hegemony and education policies. In: Zajda, J. (Eds.) *Second international handbook of globalisation, education and policy research*, Dordrecht: Springer, pp. 32–51.
- Delios, A., & Ma, X. (2010). Diversification strategy and business groups. In Colpan, A. M., Hikino, T. & Lincoln, J. R., (Eds.) *The Oxford handbook of business groups*, Nova York: Oxford University Press, pp. 717-742.
- Dugnani, P. (2018). Globalização e Desglobalização: outro dilema da Pós-Modernidade. *Revista Famecos* 25 (2), pp. 1-14.
- Eurostat (2020). *Comparar o PIB: taxa de crescimento e per capita* [Em linha]. Disponível em:  
[https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Beginners:GDP\\_-\\_Comparing\\_GDP:\\_growth\\_rate\\_and\\_per\\_capita/pt\\_x](https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Beginners:GDP_-_Comparing_GDP:_growth_rate_and_per_capita/pt_x) [Acesso:2021/07/01].
- Eurostat (2021). *Educational attainment statistics* [Em linha]. Disponível em:  
[https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Educational\\_attainment\\_statistics#Level\\_of\\_educational\\_attainment\\_by\\_age\\_x](https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Educational_attainment_statistics#Level_of_educational_attainment_by_age_x) [Acesso em: 2021/07/09].

EY (2021). *EY Attractiveness Survey Portugal June 2021* [Em linha]. Disponível em: [https://www.ey.com/pt\\_pt/attractiveness/21/ey-attractiveness-survey-portugal-2021](https://www.ey.com/pt_pt/attractiveness/21/ey-attractiveness-survey-portugal-2021). x [Acesso em: 2021/09/29].

Fernandes, F. (2017). *Os exportadores portugueses*, 1ª ed. Lisboa: Fundação Francisco Manuel Dos Santos.

Ferrão, F. (2021). *Portugal tem potencial para ser hub industrial na União Europeia*. [Em linha]. Disponível em: <https://www.itinsight.pt/news/insight/portugal-tem-potencial-para-ser-hub-industrial-na-uniao-europeia> x [Acesso em: 2021/10/05].

Finuras, P. (2018). *Globalização e Gestão das Diferenças Culturais*, 2ª ed. Lisboa: Edições Sílabo.

Gygli, S., Haelg, F., Potrafke, N., & Sturm, J. E. (2019). The KOF globalisation index—revisited. *The Review of International Organizations* 14 (3), 543-574.

Hayes, A. (2019). *Dotcom Bubble* [Em linha]. Disponível em: <https://www.investopedia.com/terms/d/dotcom-bubble.asp> x [Acesso em: 2021/05/24].

Infopédia (2021). *Produto Interno Bruto* [Em linha]. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$produto-interno-bruto-\(pib\)](https://www.infopedia.pt/$produto-interno-bruto-(pib)) x [Acesso em: 2021/06/29].

Jarvis, P. (1998). Globalização e o mercado da aprendizagem. *Fórum* (23), 51-65.

Joaquim, F. (2014). *Globalização e desenvolvimento: comércio externo e redução da pobreza nos países do Mercosul*. Tese de mestrado em Relações Internacionais e Estudos Europeus, Universidade de Évora, Évora, Portugal.

- Kazin, M. (2016). Trump and American populismo: Old wine, new bottles. *Foreign Affairs* (95), 17.
- Kobrin, S. J. (2017). Bricks and mortar in a borderless world: Globalization, the backlash, and the multinational enterprise. *Global Strategy Journal* 7 (2), 159-171.
- KOF Swiss Economic Institute (2021). *KOF Globalisation Index* [Em linha]. Disponível em: <https://kof.ethz.ch/en/forecasts-and-indicators/indicators/kof-globalisation-index.html> x [Acesso em: 2021/06/12].
- Langenstein, L., Uzík, M. & Warias, R. (2021). Winner Strategies in Crisis. *EDP Sciences* 92, 1-13.
- Levitt, T. (1983). *The Globalization of Markets* [Em linha]. Disponível em: <https://hbr.org/1983/05/the-globalization-of-markets> x [Acesso em: 2021/09/26].
- Lund, S. & Tyson, L. (2018). Globalization is not in retreat: Digital technology and the future of trade. *Foreign Affairs* 97, 130.
- Machete, R. C. (2018). O crescimento do populismo nos Estados Unidos e na Europa no início do século XXI. *Relações Internacionais* (59), 85-96.
- Marshall, C. & Rossman, G. B. (2014). *Designing Qualitative Research*, 6ª ed. California: Sage Publications, INC.
- Mellahi, K., Frynas, J. G., Sun, P. & Siegel, D. (2016). ‘A review of the nonmarket strategy literature: Toward a multi-theoretical integration’. *Journal of Management* 42 (1), 143-73.
- Mendonça, A. (2005). Globalização económica, economia global e o papel da CPLP: uma perspectiva de Cabo Verde. Documento de Trabalho.

- Meyer, K. E. (2017). International business in an era of anti-globalization. *Multinational Business Review* 25 (2), 78–90.
- Morgado, A. (2020). *Reindustrializar Portugal* [Em linha]. Disponível em: <https://observador.pt/opiniao/reindustrializar-portugal/> x [Acesso em: 2021/10/05].
- Mudde, C. (2016). *Populismo a Ocidente* [Em linha]. Disponível em: <https://www.ffms.pt/artigo/1608/populismo-a-ocidente> x [Acesso em: 2020/12/14].
- O’Sullivan, D. (2020). *Populismo: o que significa?* [Em linha]. Disponível em: [https://www.swissinfo.ch/por/democraciadireta/democracia-direta\\_populismo--o-que-significa-/45542662](https://www.swissinfo.ch/por/democraciadireta/democracia-direta_populismo--o-que-significa-/45542662) x [Acesso:2020/12/15].
- Pereira, L. B. (2007). Portugal e a Globalização: um destino histórico?. Ensaio, Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa & Instituto Superior de Economia e Gestão, Lisboa, Portugal.
- Pinto, João Paulo (2012) *Operations Management in Industry and Services*, Lisboa: Edições LIDEL.
- PORDATA (2020). *Exportações de bens e serviços: total e por produto* [Em linha]. Disponível em: [https://www.pordata.pt/Portugal/Exporta%03%a7%03%b5es+de+bens+e+servi%03%a7os+total+e+por+produto+\(base+2016\)-2291](https://www.pordata.pt/Portugal/Exporta%03%a7%03%b5es+de+bens+e+servi%03%a7os+total+e+por+produto+(base+2016)-2291) x [Acesso em: 2021/06/26].
- PORDATA (2021a). *Exportações de bens: total e por principais países parceiros comerciais* [Em linha]. Disponível em: <https://www.pordata.pt/Portugal/Exporta%03%a7%03%b5es+de+bens+total+e+por+principais+pa%03%ades+parceiros+comerciais-2346> x [Acesso em: 2021/06/26].

PORDATA (2021b). *Exportações de bens: total e por tipo* [Em linha]. Disponível em:  
**<https://www.pordata.pt/Portugal/Exporta%3%a7%3%b5es+de+bens+total+e+por+tipo-2327>** x [Acesso em: 2021/06/26].

PORDATA (2021c). *Importações de bens: total e por principais países parceiros comerciais* [Em linha]. Disponível em:  
**<https://www.pordata.pt/Portugal/Importa%3%a7%3%b5es+de+bens+total+e+por+principais+pa%3%adses+parceiros+comerciais-2345>**  
x [Acesso em: 2021/06/26].

PORDATA (2021d). *Importações de bens: total e por tipo* [Em linha]. Disponível em:  
**<https://www.pordata.pt/Portugal/Importa%3%a7%3%b5es+de+bens+total+e+por+tipo-2326>** x [Acesso em: 2021/06/26].

PORDATA (2021e). *População residente com 15 e mais anos: total e por nível de escolaridade completo mais elevado* [Em linha]. Disponível em:  
**<https://www.pordata.pt/Portugal/Popula%3%a7%3%a3o+residente+com+15+e+mais+anos+total+e+por+n%3%advel+de+escolaridade+completo+mais+elevado-2101>** x [Acesso em: 2021/06/26].

PORDATA (2021f). *Valor médio do rendimento bruto dos agregados por Modelo de IRS* [Em linha]. Disponível em:  
**<https://www.pordata.pt/Portugal/Valor+m%3%A9dio+do+rendimento+bruto+dos+agregados+por+Modelo+de+IRS-712>** x [Acesso em: 2021/06/26].

Portal Diplomático (2021). *Sobre Portugal* [Em linha]. Disponível em:  
**<https://www.portaldiplomatico.mne.gov.pt/sobre-portugal>** x [Acesso em: 2021/06/26].

Porter, M. (1990). *The Competitive Advantage of Nations* [Em linha]. Disponível em:  
**<https://hbr.org/1990/03/the-competitive-advantage-of-nations>** x [Acesso em: 2021/10/13].

Potrafke, N. (2015). The evidence on globalisation. *The World Economy* 38 (3), 509-552.

- Pretel, D. & Camprubí, L. (2018). *Technology and Globalisation*, 1ª ed. London: Palgrave Macmillan.
- Ribeiro, S. (2018). A importância das exportações de serviços na Economia portuguesa. In: JANUS 2018-19 Anuário de Relações Exteriores (Eds.) *A dimensão externa da segurança interna*, Lisboa: OBSERVARE – Universidade Autónoma de Lisboa, pp. 68-69.
- Rodrik, Dani. (2019). Globalization's wrong turn: And how it hurt America. *Foreign Affairs* 98 (4), 26-33.
- Santos, B. S. (2002). *Os Processos da Globalização* [Em linha]. Disponível em: <https://www.eurozine.com/os-processos-da-globalizacao/> x [Acesso em: 2020/12/19].
- Silber, S. D. (2020). A fragilidade económica e financeira na pandemia do Sars-Covid-19. *Estudos Avançados* 34 (100), 107-115.
- Silva, L. (2012). A Europa e os Migrantes no Século XXI. Trabalho de Unidade Curricular de Fontes de Informação Sociológica, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Soares, A. G. (2009). As instituições internacionais e o crash de 2008. *Relações Internacionais* (22), 15-26.
- Sousa, M. J. & Baptista, C. S. (2014). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios: Segundo Bolonha*, 5ª ed. Lisboa: Pactor.
- Stiglitz, J. (2004). *Globalização - A Grande Desilusão*, 2ª ed. Lisboa: Terramar.
- The Economist (2019). *The steam has gone out of globalisation* [Em linha]. Disponível em: <https://www.economist.com/leaders/2019/01/24/the-steam-has-gone-out-of-globalisation> x [Acesso em: 2021/09/14].

The World Bank (2021a). *Foreign direct investment, net inflows* [Em linha]. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicador/BX.KLT.DINV.CD.WD> x [Acesso em: 2021/05/25].

The World Bank (2021b). *Foreign direct investment, net outflows* [Em linha]. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicador/BM.KLT.DINV.CD.WD> x [Acesso em: 2021/05/25].

União Europeia (2020). Países. [Em linha]. Disponível em: [https://europa.eu/european-union/about-eu/countries\\_pt#membros-do-esp%C3%A7o-schengen](https://europa.eu/european-union/about-eu/countries_pt#membros-do-esp%C3%A7o-schengen) [Acesso em: 2020/12/21].

Vinha, L. (2017). Previsivelmente incoerente: Uma análise preliminar da política externa de Donald Trump. *Relações Internacionais* (55), 09-33.

Visit Portugal (2013). *Sobre Portugal* [Em linha]. Disponível em: <https://www.visitportugal.com/pt-pt/sobre-portugal/biportugal> x [Acesso em: 2021/06/26].

Witt, M. A. (2019). De-globalization: Theories, predictions, and opportunities for international business research. *Journal of International Business Studies* 50 (7), 1053-1077.

Yin, R. K. (2015). *Estudo de Caso: Planejamento e métodos*, 5ª ed. California: Sage Publications, INC.

Zajda, J. (2015a). Globalisation and its impact on education and policy. In: Zajda, J. (Eds.) *Second international handbook of globalisation, education and policy research*, Dordrecht: Springer, pp. 1–13.

Zajda, J. (2015b). *Globalisation, ideology and politics of education reforms*, 14ª ed. Dordrecht: Springer.

Zhu, H., Zhu, Q. & Ding, Z. (2020). The Roles of Chinese CEOs in Managing Individualistic Cultures in Cross-border Mergers and Acquisitions. *Journal of Management Studies* 57 (3), 664-697.

## ANEXOS

*Anexo I – Tabela da Estrutura do Índice de Globalização*

TABELA IV - ESTRUTURA DO ÍNDICE DE GLOBALIZAÇÃO KOF

<i>Índice de globalização, de fato</i>	Peso	<i>Índice de globalização, de jure</i>	Peso 2
<i>Globalização económica, de fato</i>	33,3	<i>Globalização económica, de jure</i>	33,3
<i>Globalização do comércio, de fato</i>	50	<i>Globalização do comércio, de jure</i>	50
Comércio de mercadorias	38,8	Regulamentos comerciais	26,8
Comércio de serviços	44,7	Impostos comerciais	24,4
Diversidade de parceiros comerciais	16,5	Tarifas	25,6
		Acordos comerciais	23,2
<i>Globalização Financeira, de fato</i>	50	<i>Globalização Financeira, de jure</i>	50
Investimento direto estrangeiro	26,7	Restrições de investimento	33,3
Investimento de portfólio	16,5	Abertura da conta de capital	38,5
Dívida internacional	27,6	Acordos de Invest. Internacional	28,2
Reservas internacionais	2,1		
Pagamentos de renda internacional	27,1		
<i>Globalização social, de fato</i>	33,3	<i>Globalização social, de jure</i>	33,3
<i>Globalização interpessoal, de fato</i>	33,3	<i>Globalização interpessoal, de jure</i>	33,3
Tráfego de voz internacional	20,8	Assinaturas de telefone	39,9
Transferências	21,9	Liberdade para visitar	32,7
Turismo internacional	21	Aeroportos internacionais	27,4
Estudantes internacionais	19,1		

Migração	17,2		
<b><i>Globalização Informacional, de facto</i></b>	33,3	<b><i>Globalização Informacional, de jure</i></b>	33,3
Largura de banda da internet usada	37,2	Acesso à televisão	36,8
Patentes internacionais	28,3	Acesso à internet	42,6
Exportações de alta tecnologia	34,5	Liberdade de imprensa	20,6
<b><i>Globalização cultural, de facto</i></b>	33,3	<b><i>Globalização cultural, de jure</i></b>	33,3
Comércio de bens culturais	28,1	Paridade de gênero	24,7
Comércio de serviços pessoais	24,6	Capital humano	41,4
Marcas internacionais	9,7	Liberdades civis	33,9
Restaurante McDonald's	21,6		
Lojas IKEA	16		
<b><i>Globalização política, de facto</i></b>	33,3	<b><i>Globalização política, de jure</i></b>	33,3
Embaixadas	36,5	Organizações Internacionais	36,2
Missões de paz da ONU	25,7	Tratados internacionais	33,4
ONG's internacionais	37,8	Diversidade de parceiros de tratado	30,4

Fonte: Gygli, S. et al., (2019), p.545.